

## Festa de São Benedito em Aparecida

Conceição Borges Ribeiro Camargo  
Maria de Lourdes Borges Ribeiro

Em muitas cidades do interior paulista e de todo Brasil, principalmente no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, a festa de São Benedito é cheia de alegria e guardada durante um ano.

Guardada com fé, com promessas, com devoção e com preparos de doces e enfeites.

Não tem data fixa, porém tem a sua época determinada. Por ser o Vale do Paraíba, com as suas cidades e povoados, o antigo roteiro do café para a Corte de São Sebastião do Rio de Janeiro, por ser a Estrada Real cheia de Fazendas e Casas Grandes, era grande o movimento de escravos.

O negro é sentimental por natureza e cheio de rezas e devoção. Dentre os Santos, São Benedito é o mais adorado.

Em qualquer senzala, havia um oratório para São Benedito, ou colocavam o Santo sobre uma mesinha tosca. Era sempre feito a mão, canivete, rudimentar e não escolhiam madeira e feito também de barro e pintado de preto.

Em Aparecida do Norte, há trinta e três anos que se realiza esta festa que pertence ao povo.

Era marcada sempre para a segunda feira após o Domingo da Ressurreição. Agora, com a mudança da Liturgia Religiosa, em 1956, o Sábado de Aleluia é Sábado Santo – ficou a festa para a segunda feira da outra semana e não após os dois dias de Sábado Santo.

Não é festa que reúna e desperte interesse apenas em determinadas classes sociais. É o próprio povo que, devoto do glorioso Santo, não se exclui de contribuir, de doar prendas, de ofertar uma rês, de ocupar um dos cargos da comitiva do Rei, posto este que é objeto de cumprimento de promessa ou exteriorização de uma tradicional devoção.

Famílias há que se empenham vivamente para que seja apresentado um dos seus membros, ao menos em anos alternados, para desempenho das funções de Ramalhete ou de Vara.

Foi se empenhando que mamãe, Julieta Borges Ribeiro, em 1931, me fez Juíza de Ramalhete.

Os pais do Senhor Prefeito Municipal de Aparecida, José Geraldo Lemes Valladão, de antiga e tradicional família, foram Rei e Rainha, respectivamente nos anos de ...

O histórico da festa

Guaratinguetá, já no século passado, na segunda-feira seguinte ao Domingo da Ressurreição, realizava a Festa de São Benedito.

Os aparecidenses, devotos do Santo, aproveitavam-se do ensejo e ao alvorecer dirigiam-se a pé ou de trole para a vizinha cidade, onde passavam o dia todo.

Era bonito e alegre ver-se na estrada, aquele desfile de trole, com os conhecidos boleiros: Virgílio ou Coronel, João Só, João Garrafão, Inácio Dor de Estômago, Tertuliano, Canguru e outros. Virgílio tinha o nome de Coronel por associação de idéias com a política da época.

Todos possuíam bons animais e com nomes escolhidos: Fidalgo, Redondo, Faceiro, Macaco, Jardim, Bem Feito, Moreno, Castelo, Rosa do Coração, etc. Quase todas as famílias aparecidenses em trajes domingueiros e cheios de fitas e bordados, com a sombrinha de cabo comprido nas mãos, acenavam e davam adeus, quando os trólis se adiantavam ou se atrasavam. Era nesse encontro e desencontro, e dentro de cumprimentos e adeus, que nasceram romances de Amor, unindo famílias que hoje encham o presente por um passado de caráter e de trabalho.

Nhá Tude Portes com o marido Nhô Miguel Portes, figura de segundo plano porque no bairro e na Fazenda era Nhá Tude que no puro matriarcado ditava tudo: horas de trabalho, de serão e de descanso. Nhá Tude Portes, do Bairro dos Lemes em Aparecida, lotava seis trólis para a festa de São Benedito em Guaratinguetá, levando suas doze filhas e mais as onze filhas de criação. Dava rezas para o leilão de gado e trazia por alto preço as próprias rezas.

À noite, as famílias aparecidenses após haverem participado das comemorações programadas, contentes, porém exaustas, ficavam na cidade ou voltavam no dia seguinte. Mas todas se queixando durante o trajeto do cansaço e do trabalho que as esperava em casa e na lavoura.

Por certo, era o “querer” homenagear também em Aparecida, o Santo tão milagroso.

O Cônego Joaquim Fonseca, era o então Vigário da Basílica e cooperando com os paroquianos, adquiriu uma grande e linda imagem do Santo e deixou-a durante algum tempo na inesquecível “Casa da Arara”, do português João Vieira, perto da Basílica.

Romeiros e aparecidenses depositavam a sua contribuição em um cofre na porta da “Casa da Arara”.

Por quê o cofre era ali colocado?

João Vieira da Costa era inteligente e tinha um sócio francês, que se chamava Valentim. Vendia tudo: santo, brinquedo, guarda-chuva e passarinhos que ele próprio embalsamava. Era um artista e com grande arte

coloria fotografias, isto em 1900. Era escultor, entalhador e fabricava móveis que despertavam admiração pelo desenho e colorido da madeira. João Vieira tinha uma arara empoleirada na porta da loja, que era a distração de todos. Após a missa, após a reza, grupos se formavam na mais alegre expansão para verem a arara que saía do seu pau e ia diretamente para a mão do romeiro, quando este havia comprado alguma ave empalhada da própria loja.

Era natural, pois, que um cofre colocado na “Casa da Arara”, logo ficasse cheio de esmolas para São Benedito.

Em 1906 a imagem era transferida para a Capela de Santa Rita, no bairro dos Machados, perto do morro que circunda a Basílica.

Em 1909 tornaram-se na mais comovente realidade os projetos discutidos na estrada de Guaratinguetá.

Em casa de João Vicente da Silva, em Aparecida, homem de cor, proprietário de um açougue e conhecido por “João do açougue”, e com a presença de Paulino Guedes Pereira, Antônio de França Souza, Pedro Silvério de Freitas, Benedito José Gonçalves, Oscar Guedes, Dona Marciana de Moura e Silva e Dona Luíza Gonçalves, foi realizada a primeira reunião.

Foi fundada a Irmandade de São Benedito e escolhidos os primeiros festeiros.

Feliz e de grande beleza emotiva, a deliberação que cada um teria assegurado para si o direito de ser “Rei” no futuro, quando quisesse e pudesse, o que foi rigorosamente cumprido, sendo o Juiz de Ramalhete daquele época, Benedito José Gonçalves, rei escolhido para 1952 e recentemente falecido – último a desincumbir-se da honrosa prerrogativa.

A Basílica de Nossa Senhora Aparecida estava entregue aos padres redentoristas, da Província Alemã. Ainda que de origem germânica, o Padre Roberto Hansmair, pouco conhecedor dos costumes e tradições brasileiras, não se opôs quanto às formas originais e simbólicas de que iria revestir-se a festa, cujo programa foi publicado no “Sanctuário d’Aparecida, o órgão oficial da Basílica. Em pesquisa, encontramos no número 19 de fevereiro de 1910, o seguinte:

“Festa do glorioso São Benedito na Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Os festeiros abaixo assinados, encarregados de promoverem a festa do glorioso São Benedito, pela primeira vez, no corrente ano, têm a honra de apresentar ao público o seguinte:

#### Programma

No dia 27 de março, às 4 horas da tarde, far-se-á a transladação da imagem de São Benedito e Santa Rita de sua capella no bairro dos Machados, havendo à tarde no largo da Basílica, uma importante cavallhada, na qual tomarão parte muitos membros da Irmandade do glorioso Santo.

#### Dia 28

Ao romper da aurora deste magestoso dia, a Corporação Musical Aurora Aparecidense percorrerá as ruas desta localidade, annunciando ao povo o dia da Festa.

Às 8 horas da manhã, os festeiros, precedidos pela mesma Corporação Musical, seguirão para a Igreja, dando-se em seguida início da solemne Missa Cantada, fazendo-se ouvir por essa ocasião a excelente orchestra regida pelo professor José Lorena, que executará a Missa Conceição Aparecida, inspirada composição do insigne professor acima mencionado.

Ao evangelho ocupará a tribuna um padre redemptorista. Terminada esta, irão os festeiros para suas residências, acompanhados pela Irmandade e Corporação Musical.

Às 5 horas da tarde, sahirá da Basílica uma imponente procissão que levará, além dos andores de São Benedito e de Santa Rita, os de Santa Ignez, São Luiz e São José.

À entrada da procissão será dada a bênçãam do Ssmo. Sacramento, encerrando-se em seguida a festa do milagroso Santo.

#### Leilões

Para auxílio das despesas da festa, os festeiros resolveram fazer leilões de prendas nos dias 27 e 28.

Os festeiros pedem o comparecimento de todas as Irmandades e Associações religiosas desta localidade, para maior realce da festa.

Aparecida, 16 de fevereiro de 1910

Os Festeiros:

Rei	João Vicente da Silva
Rainha	Antônia de Paula Oliveira
Juiz de Ramalhete	Benedito José Gonçalves
Juíza de Ramalhete	Luíza Gonçalves
Capitão do Mastro	Oscar Guedes Pereira

Tenente da Coroa	Pedro Silvério de Freitas
Alferes da Bandeira	Alcides Vicente da Silva
Zeladora de São Benedito	Mariana de Moura e Silva

Durante o dia o rei e a rainha distribuirão doce ao povo”.

As ruas foram enfeitadas com bandeirinhas e tudo transcorreu em perfeita ordem.

O mastro, doado por seu Capitão, foi erguido no largo da Capela, na véspera da festa. A coroa que o encimava, foi oferecida pelo Tenente da Coroa, e a Bandeira com a efígie do Santo, pelo alferes da Bandeira.

O Juiz e a Juíza de ramallete carregavam pequeno ramo florido. Os irmãos, em número de 23, escolheram as mais bonitas montarias e desfilaram o dia todo pelas ladeiras íngremes.

O *Sanctuário d'Apparecida* assim noticiou:

“Foi também muito concorrida a festa de São Benedito, celebrada aqui pela primeira vez, na segunda-feira última”.

No ano seguinte, em 1911, incluíram-se mais dois cargos no conjunto de festeiros: Juiz e Juíza de Vara.

As comemorações saíram tão ao agrado do povo, que o *Sanctuário d'Apparecida* assim comentou: “Houve procissão do mastro e da bandeira, transladação das imagens de São Benedito e Santa Rita para a Basílica, bênçãas do novo e rico estandarte, leilões, mesas de doces, cavalhadas, etc... e Oxalá que todas as festas de São Benedito sejam feitas com tanto esplendor e brilho como foi esta que assistimos”.

Em 1912, o maestro Randolpho José de Lorena compôs a missa “São Benedito” para ser executada no dia da festa.

Em 1914, suprimiram-se as cavalhadas, talvez devido à topografia local.

Em 1916, a festa prosseguia com brilhantismo, sendo Vigário o Padre José Clemente, também de origem germânica.

Introduziu-se no programa o “Cinema ao ar livre” e foi assim apreciada no *Sanctuário d'Apparecida*:

“A tradicional festa de São Benedito foi celebrada com todo brilho que seus promotores puderam emprestar-lhe. Desde a alvorada pela manhã até o leilão da noite, entremeados de escolhidas fitas de cinema ao ar livre, houve franca alegria, sem que com isto a festa perdesse seu cunho religioso e de homenagem piedosa a São Benedito”.

Durante todos esses anos a festa foi celebrada na Basílica de Nossa Senhora, sem ter havido qualquer interrupção, mesmo no período da guerra de 1914.

Mas... a construção da Igreja continuava sendo o ideal e o sonho de todos.

João do açougue ia juntando espórtulas e saldos de festas para atingir tão almejado objetivo. Aos sábados e domingos um Irmão saía a esmolar pela cidade.

Havia o problema do terreno

Foi quando, em 19 de outubro de 1915, dona Maria Francisca da Fonseca Vieira, irmã do Cônego Joaquim da Fonseca, doou à “Basílica de Nossa Aparecida, para o fim de ser nêle construída a Igreja de São Benedito, um terreno situado na rua Dr. Oliveira Braga, medindo de frente a largura de 45 palmos e nos fundos igual largura, confrontando por um lado com Antônio Januário de Lima, por outro com José Ambrózio de Oliveira Borges, e nos fundos com a rua Monte Carmelo. Dá ao terreno doado o valor de duzentos mil réis”.

Até princípios de 1917, João do açougue conseguiu arrecadar a quantia de dez contos de réis.

O terreno, objeto de doação de dona Maria Francisca da Fonseca Vieira era contíguo ao de José Ambrózio de Oliveira Borges, que igualmente confrontava com as duas ruas: Oliveira Braga e Monte Carmelo. Este último terreno era de forma triangular imperfeita, com um dos vértices no encontro das duas ruas referidas, formando uma esquina bastante apertada.

Resolveu, por isso, a Prefeitura de Guaratinguetá (Aparecida tornou-se independente em 17 de dezembro de 1928), desapropriar casa e terreno para alargamento da rua e construção de uma praça.

A escritura foi passada no dia 9 de março de 1917. A planta da igreja foi levantada pelo redentorista Padre Antonio Lisboa. No dia 4 de abril de 1918 foram abertos os alicerces. No dia 30 de maio do mesmo ano foi benta e colocada a primeira pedra.

Em 15 de janeiro de 1919 fêz-se a plantação da torre. Padre Estevam Maria era o Vigário – muito relacionado, alegre, cativava a todos. Lutou pelo prosseguimento das obras.

No dia 25 de maio, celebrava-se a primeira Missa Campal e logo após, trasladava-se da Capela de Santa Rita a veneranda imagem de São Benedito para sua igreja. Foi com mais sacrifícios dos devotos e fiéis, que chegou o dia da glória.

No dia 5 de abril de 1920 realizou-se a primeira festa de São Benedito.

Noticiou o *Sanctuário d'Apparecida*: "Realizou-se segunda-feira passada, com toda a solemnidade, a festa de São Benedito em sua capela recentemente construída nesta localidade. Às 9 horas houve Missa Cantada e à tarde imponente procissão percorreu as ruas da localidade. Os festeiros não pouparam esforços para dar maior realce à festividade".

Em 1921, a mesma devoção e o seguinte comentário: "Com o entusiasmo e a ruidosa alegria que o programa fez prever, foi celebrada a festa de São Benedito, na Capella do Santo, havendo Missa Solemne, procissões, leilões e em tudo isto grande interesse e muito numerosa assistência dos habitantes do lugar e de romeiros".

As comemorações atingiram, porém, o máximo de esplendor, encantamento e sucesso em 1922, quando "rei" Sátiro Leonardo de Paiva, mineiro aqui residente já há muitos anos, e proprietário do Hotel São Paulo e Minas. Era alegre e entusiasmado e já fora "rei" em seu Estado. Não tendo oportunidade de vestir elegante farda em Minas Gerais, como era de sua vontade, serviu-se do ensejo novamente apresentado e encomendou no Rio de Janeiro vistoso fardamento em azul forte, quase marinho, enfeitado com alamares e dragonas douradas.

Foi esse o único "rei" que se trajou diferentemente.

O programa organizado com mais ardor e devoção está repleto de inovações que posteriormente foram adotadas por quase todos seus sucessores. Assim coube a Sátiro Leonardo de Paiva o privilégio de introduzir a congada na festa de São Benedito, originalidade que a todos encheu de encantamento.

O *Sanctuário d'Apparecida* publicou o programa, como de costume. Destacamos os trechos seguintes:

"Neste dia, ao meio dia, haverá embaixada da Congada na porta da igreja.

"Leilão de gado". "Fogos de artifício". "Com diversos tiros de morteiro será queimada na noite de 17 uma armação de fogos, primoroso trabalho do muito conhecido e aplaudido pyrothecnico sr. Antonio Gonçalves de Lima, que mais uma vez deslumbrará os assistentes, apresentando mais uns trabalhos novos, dignos de um artista de renome".

(Os fogos eram apresentados comumente na festa de Santana).

"No dia seguinte ao da festa, jantar ao pobres do Azilo".

"Congada" – Afim de abrilhantar ainda mais a festa de São Benedito, virá de São Gonçalo do Sapucahy, a convite, uma bem organizada congada".

Do êxito sem precedentes destas comemorações, diz o *Sanctuário d'Apparecida*:

"Como estava anunciada, realizou-se segunda-feira passada, a festa de São Benedito em sua nova Capela, nesta localidade. No sabbado e domingo houve reza preparatória na capella e em seguida leilão de prendas. No dia da festa, às 10 horas, após a chegada dos festeiros, entrou a solemne Missa Cantada, pregando ao evangelho o Revmo. Padre Estevam Maria.

Terminada a Missa, o rei, a rainha e os demais festeiros foram conduzidos às suas residências, havendo depois leilão de gado. Às 5 horas e meia percorreu as ruas do lugar a magnífica procissão de São Benedito, a cuja entrada houve reza e coroação dos reis nomeados para o próximo anno. Houve depois animado leilão de prendas que se prolongou até quase meia noite, sendo então queimados soberbos fogos de artifício. Os festeiros deste anno, especialmente o rei, sr. Sátiro Leonardo de Paiva, muito se esforçaram para dar mais brilho à festa, que de facto, esteve magnífica. Como foi anunciado no programa, veio de Minas uma congada que funcionou durante o dia. Pelo Sr. Sátiro Leonardo de Paiva foi também servido um lauto almoço a cem pobres desta localidade".

Em 1923 foi o "rei" Antônio França Souza. Com o saldo de sua festa a igreja foi revestida exteriormente. Inauguraram-se nesse anno os altares menores e o relógio, sendo esta doação do Sr. Américo Alves Pereira Filho.

Em 1924 estavam prontos os altares laterais e, finalmente, em 21 de outubro do mesmo anno foi dada a benção solene à Igreja, por Dom Duarte Leopoldo, Arcebispo Metropolitano. Dessa época em diante as festas prosseguiram no mesmo ritmo, atingindo sempre grande entusiasmo e devoção.

Escolha de Festeiros: Na primeira reunião realizada em casa do sr. João do açougue, foram escolhidos os primeiros festeiros. Nos outros annos a escolha processou-se do seguinte modo: todas as pessoas que, por

devoção ou promessa desejam participar da festa, deixam o nome em uma relação em poder do Presidente da Irmandade que, atendendo determinadas circunstâncias, antecipa ou retarda a escolha, fazendo a designação anual.

Os “reis”, inicialmente, pagavam Cr\$ 50,00 de jóia e os juízes, Cr\$ 30,00.

É comum usar-se a expressão “Sair para rei” quando se quer fazer referência à escolha ou designação, bem assim “sair para juiz”, “sair para rainha”.

Há famílias que inscrevem quase todos os seus membros na lista dos futuros festeiros e aguardam oportunidade.

Assim, a família Macedo: o sr. Benedito José de Macedo Sobrinho, foi o “rei” em 1931; Seu filho Cristóvão já havia sido em 1930. Em 1950 encontramos Expedito, também seu filho, como “rei”. Uma filha, Maria José, foi rainha em 1956.

Senhor Benedito Júlio Barreto, ex-prefeito municipal e maestro do Coro da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, foi “rei” em 1927; vinte anos após, seu filho, o expedicionário Benedito Júlio Barreto Filho, era também “rei” em 1947, agradecendo sua vida quando em luta, em Monte Castelo.

Sátiro Leonardo de Paiva, “rei” em 1922, o primeiro a se vestir mesmo com traje real, em 1956 era o seu neto Luís Bento de Oliveira que se trajava como o avô e este ano, a bisneta de Sátiro, Helena Vêntola de Oliveira era também a primeira “rainha” de São Benedito a levar a linda e admirada copa de veludo. Trouxemos fotografias e os programas dos neto e bisneta de Sátiro.

Nas primeiras festas “rei” e “rainha” não possuíam alas de damas e cavalheiros.

Saíam de suas casas ao espoucar de uma girândola e uma companhia de amigos especialmente convidados. Hoje, “rei” e “rainha” possuem damas e cavalheiros de honra. O “rei” sai primeiro e rodeado de sua corte, vai buscar a “rainha” que já o espera com suas damas de honra.

As coroas e os distintivos são da própria irmandade de São Benedito, que os restaura ou confecciona novos, quando necessário.

O rei deste ano foi Benedito Minas dos Santos (Tatu).

Festeiro alegre e muitíssimo relacionado. Tatu faz na “Rádio Aparecida”, a grande emissora do país, o programa “Sertão do meu Brasil”, com ouvintes de norte a sul. Querendo se apresentar bem aos seus ouvintes desconhecidos que correram para a festa, Tatu mandou confeccionar no Rio de Janeiro, a sua coroa. Uma coroa diferente das outras, que eram de cetim branco, galão, fitas – e a coroa veio de metal dourado, de filigranas e com enormes pedras coloridas.

Irmandade de São Benedito – na primeira reunião em 1909, com 23 irmãos, hoje possui 230, sendo a maior parte residente neste município e os demais em outros. Paga-se apenas a jóia anual de ???, sendo que inicialmente era dois mil réis.

Usam uniforme branco, calça, e paletó, com um fita azul celeste de 4 dedos de largura a tiracolo.

Na cabeça, um chapéu de brim branco, com fitinha azul, porém estreita. Na lapela uma medalha de São Benedito, presa a um pequenino laço azul.

Era no sábado de aleluia, quando os sinos repicavam e se desdobravam em alegria, que a Caixa de São Benedito saía pelas ruas. Crianças corriam pelas calçadas, acompanhando tocadores, repetindo, como podiam, o ritmo costumeiro.

Hoje é no domingo, após o Sábado Santo, que ouvimos a Caixa novamente, assinalando o início da festa que leva uma semana para realizar-se na outra segunda-feira. Os tocadores escolhidos não trocados, a não ser por motivo de morte ou grave impedimento. O “rei” de 1951 presenteou a Irmandade com duas Caixas, sendo estas maiores, mais bonitas e de ressonâncias superior às das existentes. As crianças, cantando, vão atrás dos Irmãos, acompanhando o que a Caixa vai tocando e que nos dá mesmo a impressão de “São Benedito, quer um tostão. São Benedito quer duzentão”

Em 1921, foi nomeado “Prefeito” de São Benedito, o sr. Pedro Silvério de Freitas, que exerceu o cargo até 1938. Fazia parte de suas atribuições dirigir a Irmandade nos dias da festa, comandando os desfiles e tais eram as circunvoluções, alas e artísticos volteios executados pelos Irmãos que o povo extasiava-se apreciando-os. Por vezes, as voltas eram complicadas que se tinha a impressão de que não mais se desenrolariam os fios enovelados e trançados de uniformes brancos... Exige-se a obediência total, não permitindo ao Irmão, durante a formatura fumar, conversar, entrar em botequim e dar risadas.

O “Prefeito” de São Benedito usava uniforme inteiramente igual ao dos Irmãos. Carregava um bastão preto, de madeira envernizada, com decorações em dourado, medindo 63cm, ligeiramente afinado na ponta. As ordens eram transmitidas diretamente algumas vezes; outras, por meio de seu auxiliar imediato, que tinha o nome de Mantena.

Todas as contribuições da Irmandade são escrituradas pelo Tesoureiro e entregues ao Vigário, que as aplica exclusivamente em benfeitorias na igreja do Santo.

Leilão de gado – O leilão de gado foi instituído na festa de São Benedito quando “rei” em 1922, Sátiro Leonardo de Paiva.

Quase todos os fazendeiros procurados não se negam a ofertar um garrote ou uma novilha a São Benedito.

A contribuição em dinheiro, prendas ou gado para a festa, é sempre feita com temor de alguma vingança do Santo.

Dizem ou contam de fazendeiros que se negaram a dar prendas de gado e que no mesmo dia ou no dia seguinte, “amanhece tudo morto no pasto ou no campo”.

Interessante, porém, é notar-se que em Aparecida, ninguém faz referências a essa espécie de devoção e todos procuram externar seu reconhecimento ao glorioso Santo com grande alegria, espontânea e sinceramente. Não se fala em vingança, remorso e castigo, o que é comum em outras regiões.

Um dos componentes da primeira reunião em 1909, escolhido para “rei” em ocasião de grande dificuldade financeira, não quis de forma alguma fosse adiada a oportunidade de homenagear seu Santo. Vendeu uma área do seu quintal, comprou açúcar e fez os doces e sempre dizia e rezava assim a São Benedito: “São Benedito é amigo da gente. Quando as cousas não correm bem, vou a igreja e digo: Compadre, as coisas não estão boas não. Veja se dá um jeitinho”. E tudo se normalizava novamente e poucos anos mais tarde, quando o ex-rei sofria as conseqüências de injusta remoção política, é-lhe premiado um bilhete com a importância de Cr\$ 60.000,00, possibilitando-lhe readquirir um grande terreno vizinho ao seu, pertencente à sua mãe e que há muitos anos fora vendido por dificuldades financeiras.

Para o leilão de gado, dois ou três meses antes, o festeiro percorre as fazendas e anota o oferecimento. Na semana da festa manda procurá-los. Reúne-os em um pasto, e na segunda-feira, após as festividades da manhã, processa-se o leilão

O primeiro leiloeiro foi o Sr. Carlos Wendling.

Filho de alemão, alto, magro, cabelos ruivos, radicado em nossa terra há muitos anos, leiloeiro de Nossa Senhora, possuía um jeito todo especial, conquistando, de início, a simpatia dos assistentes. Ligeiramente arcado, devido sua estatura, bonezinho preto de seda na cabeça quase calva, mãos juntas nas costas, ia e vinha apresentando as ofertas:

“ – Quanto me dão por este terno de novilhas oferecido a São Benedito por um devoto?”

(Ao referir-se ao Santo tirava o bonezinho preto e fazia pequena reverência)

Alguém lançava:

“ – Cem mil réis.”

“ – Cem mil réis eu tenho aqui por um terno de novilhas oferecido a São Benedito. (tirava o boné). Chegue-se a mim que receberei seu lance. Apronte a face, quem mais achara, mais tomara, mais levará. Dou-lhe uma, dou-lhe duas...”

Geralmente os lances atingiam importância sempre superior ao valor real dos animais. E ao atingir uma soma satisfatória, dizia: “ – Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três”.

A oferta das vacas é sempre pequena e Carlos Wendling assim anunciava:

“ – Quanto me dão por uma vaca solteira oferecida a São Benedito por um fazendeiro devoto?”

Nem todos os animais oferecidos são vendidos em leilão pela dificuldade de se conseguir transporte apropriado das zonas mais distantes, porquanto os festeiros percorrem até as cidades dos Estados vizinhos.

Nesse caso, muitas vezes, o valor do animal é dado em dinheiro por quem o ofertou, desejoso de cooperar para a festa.

A Festa de São Benedito: vamos agora descrever a festa.

Já fizemos todo o histórico e contamos como surgiram as idéias, as esmolos, a igreja e como são escolhidos os festeiros.

Descrevendo em linhas rápidas as linhas cheias de fé ao Santo, abrimos uma página da história religiosa de Aparecida.

A igreja é toda iluminada exteriormente com cordões de lâmpadas elétricas, dispostos com arte e gosto. Este ano, o Rei, Benedito Minas dos Santos, não só apresentou uma coroa diferente, como linda foi a iluminação. O rei teve a idéia feliz de se empenhar na Capital Paulista, em cederem parte da iluminação que estava no Parque Ibirapuera, quando das comemorações do 4º centenário de São Paulo. E trouxe dois mil metros de fios com lâmpadas de diversas cores. A iluminação saía do alto da torre da igreja de São Benedito, iluminando toda a Praça e o trajeto até à sua residência. Parecia um sonho de mil e uma noites... Correram as notícias e cidades vizinhas já pensavam em fazer o mesmo para a festa do seu Padroeiro. Exemplo: Guaratinguetá.

Na praça enfeitada com bandeirinhas de cores várias entremeadas de flores de papel de seda, estão armados três coretos. Um para as prendas, outro para a banda de música e outro para a banda de música que, às vezes, conforme o festeiro, vem de outra cidade para o maior realce.

Há barracas de “cachorro quente” e de sorteio de objetos em benefício da festa.

Foguetes sobem quando termina o tríduo e um dobrado conhecido é a primeira música; colocam-se bancos entre os coretos e jovens passeiam. Os mais idosos sentam-se e começa o leilão. Prendas simples de gente simples. Aves, doces, cartuchos de biscoitos e balas. Feixes de cana que são arrematados e oferecidos à criança. Sapatos de bico fino, fora de moda, são ofertados a jovens melindrosos. Há lindos estojos, imagens de santo e “bomboniéres”, garrafas de bebidas e artigos de cristal.

O leiloeiro é espirituoso e faz ofertas com grande bom humor e ninguém se esquece do Paulo Gambá. Hoje é o Dito leiloeiro, que fica após a festa, rouco, afônico, por muitos dias. O leilão vai mais ou menos até meia noite, ao som das músicas de outros leilões. Sempre há alguém pedindo uma “valsinha antiga, por favor”.

É o sonho dentro da noite. No dia seguinte, domingo, a igreja está enfeitada no interior: prateada ou cor de rosa, amarelo claro e branco. Guirlandas de cedrinho formam desenhos pelo teto e paredes. Com banda de música, os festeiros percorrem todas as ruas da cidade, angariando donativos.

Às 16 horas sai a procissão que vai à igreja de Santa Rita, de onde transladam-se as imagens de Santa Rita e São Benedito. Interessantes as interpretações dadas pelo povo: “é porque São Benedito foi cozinheiro no convento de Santa Rita”, “Santa Rita é mãe de São Benedito e vem assistir a festa dele”

À noitinha, o segundo tríduo e leilão. O movimento é maior. Músicas sentimentais propiciam romances de amor e saudades já vividas... “Anunciação, Japonesa, Consideração, Goiana”, belíssimas valsas do compositor aparecidense Oscar Randolph Lorena. Na madrugada da festa, segunda-feira, a cidade é despertada com uma salva de tiros, foguetes, estrondo de morteiros e repiques de sinos – a alvorada musical, como exatamente desde o primeiro ano.

Às 6,30 é celebrada uma missa com comunhão geral de festeiros, irmãos, futuros festeiros e devotos.

Às 9,30, a Missa Solene. Os irmãos com uniforme branco vão buscar os festeiros, entre foguetes e girândolas. Depois dos juizes, a rainha, com vestido de gala e suas damas, em seguida, o rei, com terno comum. Rei e rainha levam a coroa em uma salva de prata. Duas ricas damas precedem, transportando as almofadas.

Quando o cortejo chega à igreja, é intenso o barulho dos morteiros. À porta, um padre os recebe, benzendo os símbolos e os sinos repicam. Começa a missa.

Ao mordomo são entregues as coroas, varas e ramalhetes que ficam sobre a mesinha.

Ao evangelho faz-se o panegírico do Santo e na hora da elevação o Mordomo faz a entrega dos símbolos aos juizes e coloca a coroa na cabeça do rei e da rainha, retirando-a depois.

Terminando a missa, forma-se o cortejo e procede-se à entrega dos festeiros em suas residências, obedecendo-se à ordem hierárquica. Em primeiro lugar o rei, depois a rainha e, por último, os juizes.

Ao meio dia começa a parte mais agradável para o povo: a distribuição de doces, em duas salas grandes, algumas vezes no quintal em lindo barracão. Mesas e bancos se alinham. Em uma sala o povo é servido – e outra, para os convidados de honra. Em outra menor, o altar de São Benedito. Flores, bandeirinha em toda a casa. A coroa do rei é depositada aos pés do santo, num símbolo real de submissão.

O controle do pessoal é efetuado por alguns Irmãos e, havia também um ou dois soldados à disposição. Hoje, os meninos integrantes da “Guarda Mirim”, com bonito uniforme e disciplina militar, fazem a fila, na distribuição de doces. Há três anos que os Guardinhas são chamados, mantendo uma disciplina e ordem, que sempre são observados. Um mês antes da festa os doces são preparados. Este ano, o rei foi meu vizinho, e tachos de doce enchiam o barracão – doces de mamão, abóbora, cidra, côco, cheirando a cravo e canela. Há também ameixas, tâmaras com recheio, quindins, brigadeiros, etc. Ao servir-se, não se pergunta pela preferência, porque a resposta é esta: “eu não faço luxo, como de tudo”, “São Benedito não gosta de luxo, por isso não escolho”. “São Benedito foi cozinheiro e a gente não pode rejeitar o que os cozinheiros fazem”.

Crianças levam consigo uma latinha “porque a mamãe não pode vim e ela fez promessa de comer doce da festa”. Guaraná é sempre servido. Rei e rainha sempre mandam imprimir um convite que é distribuído para as famílias da cidade. Convidam para assistirem as solenidades e “Convida também para a mesa de doces que oferecerá em sua residência”. Contando com a sua valiosa presença, agradece de coração. Rei – Benedito Minas dos Santos (Tatu) – o rei deste ano”.

Quando os soldados ficavam para a ordem diziam: “O soldado é como o dois de paus”, sem nada fazer. “Coitado, fica aí, oiando nois sem festa. Bem que podia ir embora”.

Às duas e meia, no Largo da Feira, o leilão de gado. O Rei comparece a todos os atos.

No meio da rua, em frente à igreja, dança uma companhia de moçambiqueiros de Taubaté, todos de branco, com fitas azuis e vermelhas. Carregam um belo estandarte de São Benedito e são ágeis em seus floreios coreográficos. “A onde do má” apresentam movimentos ondulatórios com manejo de bastão, que maravilham os assistentes e cantam trovas delicadas e simples.

Mais além, dança uma congada de Aparecida – calça branca, blusa fofa de seda azul forte. Casquete enfeitado com bordados rudimentares de motivos diversos, tendo todos, ao centro, uma estrela de quatro pontas.

Às 5,30 sai a majestosa procissão com andores de todos os santos, ficando ao nosso cuidado o de São José. O Rei está com seu terno de rei e alamares nos ombros. A rainha com seu traje real, e ambos levam a sua corte. Sobem a ladeira Monte Carmelo, voltando a Basílica e novamente descendo. Em seguida, três padres oficiam a Reza Solene, sendo lidos no final, os nomes dos festeiros do ano próximo. Banda Musical, fogueteiro, entrega dos novos festeiros.

O novo rei, ladeado pelo antigo, recebe a coroa e a conduz para o altar de sua casa. O mesmo faz a rainha e os Juizes de Ramallete e de Vara.

O leilão anima-se. Foguetes sobem e descem lágrimas coloridas. As composições do Sr. Oscar Randolpho Lorena enchem a noite de encantamento. São as valsas, polcas e mazurcas: “Consideração”, “Passeio”, “5 de maio”, “4 dias de viagem”, intercaladas com músicas carnavalescas.

Encerra-se a segunda-feira de São Benedito, na madrugada de terça, com os fogos de artifício sempre terminando com o Santo entre luzes e fagulhas coloridas.

Na terça-feira, a imagem de Santa Rita retorna à sua igreja e doces são distribuídos aos pobres da Vila Vicentina, Asilo e Santa Casa e também para as principais famílias.

Acaba-se a festa. Na cidade ainda pairando a voz dos maçambiqueiros e também a música da congada com trovas delicadas e simples. Os dançadores de Taubaté, por exemplo, cantaram ao beijar a bandeira do “Moçambique Aparecida do Norte”:

Glorioso São Benedito  
Nosso santo padroeiro  
Pedimos a sua licença  
Pra beija a sua bandeira.

Esta foi recolhida pelos moçambiqueiros no início da dança:

Já falei com o senhor mestre  
Contra mestre e generá  
Vamos nós marrá guiso  
Que tem o nome de paia.

Refere-se esta quadra ao guiso amarrado abaixo dos joelhos, que provoca um curioso som, quando na execução dos passos.

A religiosidade está na quadrinha:

Esta dança é de São Tomaz  
Cambiqueiro de fé  
Nóis carrega na lembrança  
Jesus, Maria e José.

A cidade, há anos é animada pelas congadas do sul de Minas e há nove anos, uma se distingue. Pertence à Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Nova Lima, da Associação de Marujos e Congadas do Estado de Minas, que possui cerca de 120.000 associados.

Todos trazem um terço, que é colocado entre enfeites de galões, fitas em uma mistura de adornos.

Os oficiais têm uniforme branco, alinhado e galões dourados.

Os dançantes, calças brancas e blusa de seda azul.

Os capacetes ostentam espelhos simetricamente dispostos e ornamentados com pedras coloridas.

Precede o cortejo real em todas as solenidades da segunda-feira, com lindos passos acompanhados de instrumentos de ritmo e apitos.

Os dançantes têm estatuto, severa disciplina, sendo todos católicos.

Este ano veio a Congada de Nova Lima, sob a direção de Gentil Lúcio de Jesus, nosso grande amigo. Foi à nossa casa, onde permaneceu quase todo o tempo, pois o rei era nosso vizinho. Gentil é gentil, na expressão da palavra; sempre nos envia carta e presentinhos. Entre os cantos de sua congada, eis os mais lindos:

Companheiros nós viemos  
Cumprir sorte  
Viemos fazer visita  
À Parecida do Norte!

Levantei de manhã cedo  
Ó Virgem da Conceição  
Encontrei Nossa Senhora  
Com seu rosário na mão.

Virgem Maria  
Vamos hoje neste dia  
Festeja São Benedito  
E o Rosário de Maria.

Bandeira de glória,  
Entrando pela casa dentro  
Se ela fô aceita  
Na sombra dela eu entro.

Canto da última marcha:

Gente boa, adeus, adeus,  
Adeus que eu lá vô embora  
Vocês fica aí com Deus,  
Eu vô com Nossa Senhora!